

# ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



PORTUGAL CONT. 9,00€ · BE/FR/NL 12€ · ES/IT 11,00€ · DE 13,00€ · UK £9,50 · Suisse 15,00CHF · Morocco 110MAD



## PROMENADE

Guadalajara · Ibiza · Lisbon · Maebashi · Milan  
New York · Paris · Perugia · Porto



Se há projectos que merecem conservar o seu nome de baptismo, Marcin Rusak Studio terá de ser um deles. O fundador do estúdio homónimo é hoje o autor de fabulosas peças de arte e de mobiliário, revelando uma habilidade precoce em transportar materiais orgânicos para criações “imprevisíveis” que abraçam a imperfeição. Dividido entre o Reino Unido, Polónia e Países Baixos, o artista fala-nos da composição dos seus próprios materiais, à base de plantas e resina, e das possibilidades inesgotáveis de trabalhar com a Natureza, levando-nos, por várias vezes, a repensar as motivações por detrás dos padrões consumistas da sociedade contemporânea.

## MARCIN RUSAK STUDIO

If there are projects that deserve to keep their baptismal name, the Marcin Rusak Studio has to be one of them. The founder of the studio who lends it his name is now the author of fabulous pieces of art and furniture, revealing an uncanny ability to transfer organic materials into “unpredictable” creations that embrace imperfections. Spending his time between the UK, Poland and the Netherlands, the artist tells us about the composition of the materials he creates, derived from plants and resin, and the endless possibilities of working with Nature, often prompting us to rethink the motivations behind mass consumer trends in contemporary society.



"PROTOPLASTING NATURE MIRROR 08" E CADEIRA NA EXPOSIÇÃO "UNNATURAL PRACTICE", MILÃO, 2020. // "PROTOPLASTING NATURE MIRROR 08" AND CHAIR AT "UNNATURAL PRACTICE" EXHIBITION, MILAN, 2020. Photo ©: DSL Studio

**Inês Graça:** O espectro do seu trabalho é vasto – parte de um extensivo processo de investigação para gerar objectos únicos, explorando a relação do Homem com os materiais. Que elementos – externos e pessoais – influenciam o seu exercício criativo? **Marcin Rusak:** O meu passado volta sempre à superfície. Quanto estava no Royal College of Art (RCA), fui convidado a reflectir sobre um objecto pelo qual tinha uma forte ligação emocional. Decidi falar do guarda-roupa do meu avô: uma peça gigante, robusta e antiga, decorada com adereços florais. Fiquei cativado com o facto de haver algo atávico e transcultural na nossa propensão para o embelezamento floral. Numa fase posterior, visitei um mercado de flores em Londres. Queria conhecer os vendedores, questioná-los sobre o significado das flores hoje em dia. Descobri pilhas de desperdícios de flores espalhadas por todo o lado. Foi aí que comecei a pensar nesta indústria, no consumo, no acto de preservarmos algo tão efémero e temporário. Ser descendente de uma família de produtores de flores foi um grande benefício. Graças a este projecto no RCA, pude redescobrir a minha herança e perceber que a minha ligação com as plantas deverá ter sido semeada inconscientemente no meu ADN.

Disse que “assim que as flores satisfazem as nossas necessidades decorativas ou simbólicas, tornam-se reminiscências indesejadas e descartadas da vida”. De que forma o seu trabalho procura contrariar esta ideia? Não quero apenas contrariar, mas também sublinhar este facto. O material botânico utilizado no meu trabalho é elevado a algo supostamente “permanente” e “funcional” como, por exemplo, uma mesa ou um aparador, peças para as quais continuo a procurar os aspectos evolutivos da sua materialidade. Interessa-me perceber a forma como os meus trabalhos mudam, envelhecem e, em alguns casos, até se desintegram ao longo do tempo. Refiro-me à noção de “obsolescência planeada”, que é uma força motriz por detrás do design industrial e da produção em massa. Sou particularmente atraído pela noção de efemeridade, que atravessa o eixo entre as ideias de degradação e preservação. Todos os meus trabalhos estão, de alguma forma, fixados neste espectro, e o processo que leva à iteração final do objecto é igualmente importante e informativo. Por exemplo, na primeira iteração do material *Flora*, injectei um conjunto especial de bactérias que se viria a

**Inês Graça:** The spectrum of your work is broad, starting out with an extensive research process to generate unique objects, exploring man’s relationship with goods. What external and personal elements influence your creative activity? **Marcin Rusak:** My past continues to catch up with me. At the Royal College of Art (RCA), I was once asked to reflect on an object that carried an emotional value that I could refer to. I chose to present my grandfather’s wardrobe – a giant, sturdy, ancient piece decorated with floral motifs. I became captivated by the fact that there is something atavistic and cross-cultural in our penchant towards floral embellishment. So, as a next step, I visited one of London’s flower markets. I went there in the very early hours, as I wanted to get to know the sellers and interview them about what they think flowers mean today. I discovered stacks of waste flowers scattered all around. It was then that I started thinking about the flower industry, consumption, and the balancing act of preserving something as ephemeral and temporary as flowers. Being a descendant of a family of flower growers was very much of a benefit here. Thanks to this project at the RCA, I was able to rediscover my heritage and find out that experimenting with flowers may have been unconsciously implanted in my DNA.

You mentioned that “once flowers satisfy our decorative or symbolic needs, they become unwanted and discarded reminiscences of life.” In what ways does your work seek to counter this idea? I am not only counteracting, but also underlining this fact. The botanic material used in my work is elevated to something as supposedly ‘permanent’ and ‘functional’ as a table or a credenza, in which I am still seeking the evolutionary aspects of their materiality. I am interested in the ways my works change, age, and, in some cases, even disintegrate over time. This is something I pay special attention to, referring to the notion of ‘planned obsolescence’ that is a driving force behind industrial design and mass production. I am particularly drawn by the notion of ephemerality, which spans the axis between the ideas of degradation and preservation. All of my works are somehow set on this spectrum, and the process that leads me to the final iteration of the object is equally important and informative. For instance, in the first iteration of the *Flora* material, I injected a special set of bacteria that would develop



▲ FOLHAS *THAUMATOCOCCLUS DANIELLII* A SECAR EM ESTRUTURA DE AÇO. IMAGEM DO PROCESSO DE “PROTOPLASTING NATURE”./ *THAUMATOCOCCLUS DANIELLII* LEAVES DRYING ON THE STEEL FRAME. “PROTOPLASTING NATURE” PROCESS IMAGE. Photo ©: Marcin Rusak Studio  
 ◀ “PROTOPLASTING NATURE WARDROBE 04” E “ENCODED SYMBOLS LIGHTS” NA EXPOSIÇÃO “UNNATURAL PRACTICE”, MILÃO, 2020. / “PROTOPLASTING NATURE WARDROBE 04” AND “ENCODED SYMBOLS LIGHTS” AT “UNNATURAL PRACTICE” EXHIBITION, MILAN, 2020. Photo ©: DSL Studio  
 ▼ “CHOCHOL” ESCULTURA EXTERIOR PERECÍVEL, COMISSÃO ESPECIAL PARA WILLIAM A MORRIS GALLERY EM LONDRES./ “CHOCHOL” PERISHABLE OUTDOOR SCULPTURE, SPECIAL COMMISSION FOR WILLIAM MORRIS GALLERY IN LONDON. Photo ©: Marcin Rusak Studio



PROCESSO DE METALIZAÇÃO. ESCULTURA “CHOCHOL”./METALLIZING PROCESS. “CHOCHOL” SCULPTURE. Photo Credit: Marcin Rusak Studio





"TEPHRA VASO 01". Photo ©: Marcin Rusak Studio

desenvolver dentro das flores imersas na resina, acabando por criar o efeito de um vazio prateado à volta das flores, enquanto vão encolhendo e oxidando com o tempo. Na série *Protoplasting Nature*, por outro lado, o material botânico, a não ser o metalizado, comporta-se da mesma forma que qualquer outro material natural, como a madeira ou o couro: apesar de estar protegido com uma fina camada de resina, as suas cores acabarão por desvanecer-se. No entanto, ao contrário da madeira, o aspecto decorativo das folhas vem da própria natureza – não é esculpido ou pintado num gesto imitativo. Deixamos a natureza ditar o caminho, em vez de criar artefactos “estáveis” e não evolutivos.

**Sobre os materiais *Flora Perma* e *Flora Temporaria* que desenvolveu, quais as principais possibilidades da sua utilização?** Gosto de pensar que são infinitas – pelo menos, em termos de forma. Neste momento, estamos a investigar uma abordagem mais arquitectónica na utilização dos materiais *Flora* e *Perma*: estes podem ser utilizados tanto em objectos funcionais como em instalações escultóricas ou em espaços inteiros, integrando vários elementos do interior. A combinação de flores e resina tem, no entanto, as suas limitações. O processo de fundição da resina é extremamente demorado e requer muita precisão.

**O que mais o move na vida e na Natureza?** Tal como o meu avô, procuro respostas para algo que nunca foi feito antes. O projecto que fizemos com o vidro é um bom exemplo: demorámos muito tempo a encontrar uma fábrica de sopro de vidro que estivesse disposta a experimentar a submersão de flores frescas num vidro fundido quente pois os vasos iriam explodir quando colocados em contacto com o interior húmido das plantas. Ainda assim, conseguimos arranjar novas formas interessantes de o trabalhar.

within the flowers immersed in the resin, eventually creating a special effect of a silvery void around the flowers while they slightly shrink and oxidate over time. In the *Protoplasting Nature* series, on the other hand, the botanical material, unless metallised, behaves the same way as any other natural component, such as wood or leather: despite being protected with a thin layer of resin, its colours will eventually fade. As opposed to wood, however, the decorative aspect of the leaves comes from nature itself – it is not carved or painted on in an imitative gesture. We let nature tell its way, rather than creating merely nature-inspired, non-evolutionary, ‘stable’ artefacts.

**About the *Flora Perma* and *Flora Temporaria* materials you have developed, what are the main possibilities of their use?** I like to think that the possibilities of their use are endless – at least in terms of form. Right now, we are investigating a more architectural approach in using both *Flora* and *Perma* materials – these can be used both for functional objects, as well as sculptural installations or entire spaces, integrating various elements of the interior. The combination of flowers and resin has its limits, however. The process of casting the resin is extremely time-consuming and requires a lot of precision.

**What moves you the most in life and Nature?** Like my grandfather, I am looking for answers to something that has never been done before. The project we did with glass is a good example: it took us a long while to find a glassblowing factory that would be willing to experiment with submerging fresh flowers in a red-hot, molten glass: the vases would literally explode when put in contact with the moist inside of the plants, but still, we have managed to come up with interesting new forms.



▲ ARMÁRIO “FLORA 190” ÂMBAR CLARO./ “FLORA CABINET 190” CLEAR AMBER.  
◀ IMAGEM DO PROCESSO DO ARMÁRIO “FLORA 190” EM ÂMBAR CLARO./PROCESS IMAGE OF “FLORA CABINET 190” CLEAR AMBER.  
▼ ARMÁRIO “FLORA 176” EM PRETO./ “FLORA CABINET 176” BLACK.  
Photos ©: Mathijs Labadie



“Através dos objectos, tento questionar as motivações por detrás do coleccionismo. Interessa-me perceber que relações as pessoas desenvolvem com os bens materiais.” MARCIN RUSAK

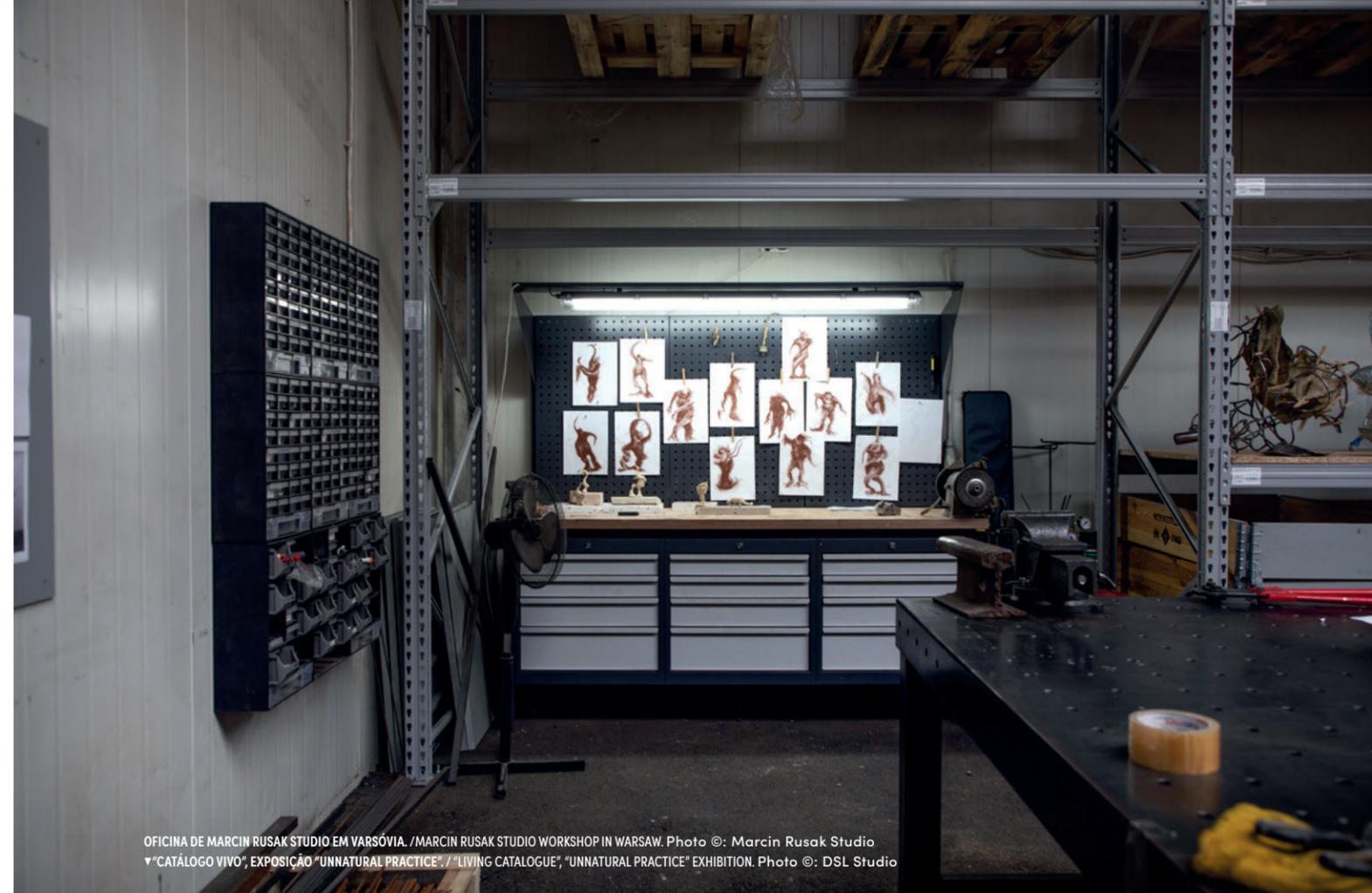
Poderia escolher uma colecção que materializa, em pleno, esta experiência sensorial, onde celebra a impermanência e a transformação? A série *Perishable* (Perecíveis): uma colecção de esculturas feitas com materiais totalmente naturais e biodegradáveis, cuja duração limitada é dita por processos naturais que as ultrapassam. Inicialmente, desenvolvi a ideia de um objecto que se degradaria com o tempo em resposta à ideia de “obsolescência incorporada”, que está presente no design industrial contemporâneo e na produção em massa. Depois, sob a forma de um recipiente, fiz referência ao arquétipo do artigo de um coleccionador: uma peça que é o início de uma conversa, feita com cuidado, atenção e valor, tanto material como simbólico. As peças são muito sensíveis ao ambiente onde são colocadas, uma vez que são feitas de materiais orgânicos e degradáveis, como conchas, resina de árvores, flores secas, ou mesmo farinha. Em função da nossa decisão, podemos celebrar e proteger os vasos, proporcionando-lhes níveis estáveis de temperatura e humidade, ou observar a sua lenta decomposição, expondo-os à luz solar, calor e humidade. Levámos esta ideia mais longe e, ao lado de instituições como o Laboratoire de Chimie Agro-Industrielle, em Marselha, criámos uma “incubadora” para observar a vida útil destes objectos.

Onde podemos encontrar o seu trabalho até ao final do ano? Vamos transformar o palácio Świdno, a uma hora de Varsóvia, num novo pólo cultural: um lugar onde não só experimentamos os nossos processos, mas também convidamos as pessoas a criar novos valores. Estamos também a preparar peças para as próximas exposições individuais em Nova Iorque e Shanghai, na Twenty First e na Cobra Gallery, respectivamente. Estamos ainda a iniciar dois novos processos de investigação: um relativo à ideia de bem-estar no trabalho, e outro centrado nas plantas e no seu ADN como alternativa aos sistemas tradicionais de armazenamento de dados. Estudamos formas de transferir informação sob o conceito de “genius loci”, a antiga ideia do espírito do lugar, onde um conjunto de informação pode ser decifrado e codificado dentro de uma planta. Para isso, colaborámos com uma start-up chamada Grow Your Own Cloud. É um processo experimental, estou ansioso por ver como se vai desenvolver. ▲

“With my objects, I try to question the motivations behind collecting things. I am interested in what relationships people develop with material objects.” MARCIN RUSAK

Could you pick a collection you developed that fully materialises this sensorial experience where impermanence and transformation are celebrated? This would be the *Perishable* series – a collection of sculptures made of fully natural and biodegradable materials, whose limited lifespan is dictated by the natural processes that overtake them. Initially, I developed the idea of an object that would degrade over time in response to the idea of “built-in obsolescence”, which is ever-present in contemporary industrial design and mass production. Then, taking the form of a vessel, I alluded to the archetype of a collector’s item: a piece that is a conversation starter, granted with care and attention, and bestowed with much value, both material and symbolic. The pieces are very sensitive to the surroundings they are placed in since they are made entirely of organic, fully degradable materials, such as shellac, tree resin, dried flowers, or even flour. Depending on our decision, we can either celebrate and protect the vases at home, providing them with stable temperature and humidity levels, or observe their slow decay, exposing them to sunlight, heat and humidity. We then took this idea further, and together with renowned institutions such as the French Laboratoire de Chimie Agro-Industrielle, in Marseille, created an ‘incubator’ to observe the full lifespan of these objects.

Where can we find your work until the end of the year? This year will be quite busy for the studio. I am setting out to develop the Świdno palace into a new cultural hub – a place where we not only experiment with our processes, but also invite people to create new values. I am also preparing works for my upcoming solo shows in New York and Shanghai, at the Twenty First and the Cobra Gallery, respectively. We are developing some new ideas for objects, installations and new collaborations, but also start two new investigative processes: one concerning the idea of wellbeing at work, and the other focusing on plants and their DNA as an alternative to traditional data storage systems. We look into ways of transferring information about “genius loci”, the ancient idea of the spirit of the place, which we treat as a set of information that can be deciphered from and encoded within a plant. For this, we collaborate with a design and technology start-up called Grow Your Own Cloud. It’s a very experimental process, and I look forward to seeing how it will unfold. ▲



OFICINA DE MARCIN RUSAK STUDIO EM VARSÓVIA. / MARCIN RUSAK STUDIO WORKSHOP IN WARSAW. Photo ©: Marcin Rusak Studio  
▼ CATALOGO VIVO, EXPOSIÇÃO “UNNATURAL PRACTICE”. / “LIVING CATALOGUE”, “UNNATURAL PRACTICE” EXHIBITION. Photo ©: DSL Studio

